

## O acervo documental na escola: preservando o passado

SIMONE APARECIDA DUPLA\*

### Resumo

A descoberta do arquivo e aquilo que ele compõe é fetiche de todo pesquisador, que espera encontrar de repente, na esquina de algum memorando, processo ou rascunho abandonado à própria sorte, um relato acerca do passado. No entanto estes *corpus* documentais, muitas vezes estão abandonados a própria sorte e é preciso unir esforços para sua catalogação e preservação, afim de que estes não se percam devido ao descaso e a falta de interesse. Assim, o presente texto tem como objetivo apresentar os primeiros passos na higienização da documentação, que virá a compor o arquivo físico, do Colégio Estadual Presidente Kennedy, em Ponta Grossa (PR), cujos registros iniciais datam de 1967. Bem como, salientar a importância da preservação e acondicionamento adequados dos documentos públicos.

**Palavras-chave:** arquivo, preservação, memória, História.

*The documentary collection in the school: preserving the past.*

### Abstract

The discovery of the archive and what it composes is the fetish of every researcher, who hopes to find suddenly, at the corner of some memorandum, process, or sketch left to chance, an account of the past. However, these documentary *corpus* are often left to fend for themselves and efforts must be combined for their cataloging and preservation, so that they are not lost due to lack of interest and lack of interest. Thus, the present text aims to present the first steps in the hygiene of the documentation, which will be part of the physical archive of President Kennedy State College, in Ponta Grossa (PR), whose initial records date from 1967. As well as stressing the importance of preserving and adequate packaging of Public documents.

**Key words:** archive, preservation, memory, History.



\* SIMONE APARECIDA DUPLA é doutoranda em História pela UEM.

## Introdução

Nada seduz mais o historiador do que pilhas de documentos inexplorados, principalmente quando estes se apresentam como tela virgem esperando pelas pinceladas da História. O arquivo fascina por sua profusão de personagens conhecidos e anônimos, cujas histórias ainda não foram contadas, ao menos não sobre determinado viés. A descoberta do arquivo e aquilo que ele compõe é fetiche de todo pesquisador, que espera encontrar de repente na esquina de algum memorando, processo ou rascunho abandonado à própria sorte, um relato acerca do passado.

Arlete Farge (2009), ao pensar o arquivo de processos crimes enquanto *locus* privilegiado de personagens comuns, onde as histórias esperam silenciosamente para se submeter ao interrogatório do historiador, não é claro sem resistência, coloca o arquivo como o sonho de todo pesquisador, um sonho que seduz e incita (FARGE, 2009, p. 20). E realmente queremos ir aos arquivos e quando ele não existe, queremos constituir-lo, antes um conjunto diferente daquele pensado por Michel de Certeau, em a Operação Historiográfica (CERTEAU, 1982), visto que pensamos apresentá-lo por inteiro, sem seleções ou preferências.

Ingênuo pensamento que busca neutralidade, pois todo arquivo constitui-se como preferência das mãos que o compõem, que o seleciona, classifica e categoriza, assim como todo “arquivo supõe o arquivista” (FARGE, 2009, p. 12), como bem apontou Farge.

E se o sabor do arquivo passa pelo gesto artesão também é preciso higienizá-lo, tirar o pó acumulado com o peso dos anos, colher os embriões de traças e cupins famintos que devoram suas

páginas. É preciso enfrentar o descaso de anos com documentos empilhados em locais inadequados, reunir um exército de guerreiros dispostos a protegê-lo, a reuni-lo e conservá-lo para as gerações futuras.

Assim, por vezes, o arquivo nasce da vontade do historiador e daqueles que olhando para o passado buscam nele uma resposta, encontram a familiaridade, o estranhamento ou o dever de conservá-lo, de exibi-lo e dividir as glórias e mazelas que se encontram adormecidas em suas linhas.

Foi pensando nessas questões que o arquivo que nos propusemos a “criar” no Colégio Estadual Presidente Kennedy, tem o objetivo de guardar sua memória e de deixar as gerações futuras, como herança desta gestão, de seu grêmio estudantil e seus alunos do Curso Técnico em Informática, um olhar para o passado, uma pegada na História.

Dessa forma, o presente texto tem como objetivo apresentar os primeiros passos na higienização da documentação do colégio, cujos registros iniciais datam de 1967. Bem como, salientar a importância da preservação e acondicionamento adequados dos documentos públicos.

## A constituição de arquivos e a importância de se preservar

A concepção de arquivo não é nova, desde muito cedo na história, o ser humano se preocupou em registrar os acontecimentos importantes e guardá-los para posterior conferência ou pelo simples prazer de ver objetos raros em sob seu poder. Um exemplo de arquivo na Antiguidade são os *Thesouroi*, como eram chamados na Grécia Antiga, estes eram coleções<sup>1</sup> que abrigavam diversos

<sup>1</sup> É o ato de coletar que dá origem às coleções. Segundo Lídice Moura. Ver: MOURA, Lídice

objetos de valor (como vasos, esculturas, etc.).

Outro exemplo são os tabletas de argila na Antiga Mesopotâmia, que conservados pelo tempo permitem aos pesquisadores hodiernos conhecer diversos aspectos daquela sociedade. Os arquivos mesopotâmicos já formaram bibliotecas particulares, como é o caso da biblioteca de Ur<sup>2</sup>. Hoje suas coleções estão espalhadas em diversos museus e universidades pelo mundo, além é claro de compor arquivos particulares.

Assim, objetos reunidos, guardados, protegidos, o arquivo se caracteriza por um:

[...] conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas formas ou seu suporte material, cujo crescimento se deu de uma maneira orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa física ou jurídica, privada ou pública, e cuja conservação respeita esse crescimento em jamais desmembrá-lo (FARGE, 2009, p. 12).

Atualmente, os arquivos aparecem como sítios de memórias, como *locus* privilegiado que permite não apenas a sua contemplação como artefato artístico, mas também sua presença como testemunho de uma época e objeto de estudo de diversas disciplinas, entre elas a Arqueologia e a História (DUPLA, 2016, p. 27).

---

Romano de. **Arte e Educação:** uma experiência de formação de educadores mediadores. São Paulo, UNESP, 2007.

<sup>2</sup> Os primeiros arquivos criados, por exemplo, vieram da necessidade de contabilizar e controlar as produções na região do Antigo Oriente Próximo. As primeiras cidades, constituídas no curso dos rios Tigres e Eufrates, foram também as primeiras a armazenar informações com o intuito de controle de bens e serviços do sistema templário. Dessa forma, os primeiros arquivos surgiram na região da Mesopotâmia como forma de controle administrativo das classes dirigentes.

Os arquivos encontram-se em diversos suportes, Yamashita e Paletta nos lembram que:

Foram muitos os suportes utilizados para disseminação do conhecimento humano: pedras, ossos, placas de bronze, tabuletas de argila ou cera, papiros, peças de linho, seda, pergaminhos, fotografias e papel tal qual o conhecemos hoje. Atualmente há outros suportes empregados como: discos, fitas magnéticas, disquetes, microfilmes, DVDs, CDs, fitas de vídeo. É preciso reforçar nossa atenção para a melhor forma de se conservar o conhecimento humano produzido e registrado, sob forma de manuscritos ou impressão em suporte papel (YAMASHITA; PALETTA, 2006, p. 173).

Sendo o papel é o suporte mais comum na atualidade, utilizado como fonte para registro de informações, sejam elas, econômicas, comerciais, religiosas, pessoais ou políticas. No entanto, esse tipo de material é facilmente corroído pelo tempo, quando não utilizados os instrumentos necessários para sua conservação e preservação. Diversos fatores contribuem para o desgaste do papel, como mudanças constantes na temperatura ambiente, alojamento inadequado, exposição aos elementos da natureza ou manuseio inadequado.

Nesse sentido, algumas das impressões e preocupações acerca da conservação dos documentos do colégio, dos quais falaremos posteriormente, aliados ao desejo de preservação da memória nessa documentação estiveram presentes na elaboração do projeto de criação do acervo.

Essa preocupação com a preservação é algo novo no Brasil, data de 1937, quando foi criado o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o intuito de

preservar o patrimônio cultural brasileiro. Segundo Yamashita e Paletta:

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, desde a sua criação, em 1937, trabalha com um universo diversificado de bens culturais. Suas ações, voltadas à identificação, documentação, restauração, conservação, preservação, fiscalização e difusão, estão calcadas em legislação específica sobre cada um dos temas pertinentes ao seu universo de atuação (YAMASHITA; PALETTA, 2006, p. 174).

Entre esses bens estão àqueles classificados como móveis, ou seja, acervos museológicos, coleções arqueológicas, documentais, arquivistas, bibliográficos, fotográficos e cinematográficos, sendo que nosso projeto diz respeito ao documental, arquivista e museológico.

Para Yamashita & Paletta “a conservação e preservação dos acervos garantem o imprescindível acesso à informação tanto em arquivos quanto em outras unidades de informação” (YAMASHITA; PALETTA, 2006, p. 173) Ainda segundo as autoras:

É provável que essa valorização seja um dos atuais motivos pelo qual a sociedade busca resgatar o original, o mais antigo, a primeira versão. Então, nos deparamos com danos ou perdas irreparáveis dos acervos bibliográficos e documentais. Somente a partir daí percebemos a importância da manutenção dessas coleções para a continuidade da memória do patrimônio histórico e cultural da nação (YAMASHITA; PALETTA, 2006, p. 175).

E é pensando na manutenção e preservação dessa memória, que é patrimônio histórico não apenas do colégio, de seus alunos e ex-alunos, mas de toda comunidade, pois seus registros

apontam para um viés de pensamento, formas de ser e agir de diversos momentos históricos importantes na memória coletiva, que buscamos selecionar, separar, enfim, como disse Certeau “formar o arquivo” (CERTEAU, 1982) e preservá-lo para as gerações futuras.

Assim, o projeto dividido em dois momentos, foi pensado de forma a realizar uma interação entre o curso Técnico e Médio, uma vez que, no primeiro momento, os alunos do Ensino Médio realizariam a catalogação dos objetos que constituiriam um Museu Virtual, visto que o estabelecimento não tem espaço físico para construção de um Museu físico.

No segundo momento os alunos do curso técnico elaborariam como projeto de conclusão de curso uma página virtual, onde seria abrigado um acervo eletrônico com o material catalogado pelos alunos do Ensino Médio, representados pelo Grêmio estudantil.

Dessa forma, iniciamos o processo de separação dos objetos que foram divididos em: imagens, recortes informativos, atas diversas e objetos, já pensando no ambiente virtual a ser criado. Cada representante de turma saiu a campo para fazer seu trabalho, munidos de um celular para foto do objeto, um cartazete<sup>3</sup> e uma ficha catalográfica, com itens que deveriam ser preenchidos sobre o objeto.

No entanto no meio do caminho, para o que parecia um simples projeto, havia uma sala, um espaço que até não nos havia sido apresentado, que faria com que o projeto se tornasse mais complexo, o tempo de finalização se estendesse e nossos esforços fossem dobrados. Assim, enquanto a primeira fase seguia o plano original, uma segunda fase se

<sup>3</sup> Cartaz com dimensões reduzidas.

concentrou no que denominei nosso baú de surpresas, a qual apresentarei a seguir.

### **Um baú de surpresas: tesouros encontrados e quase perdidos**

Tudo parecia estar encaminhado harmoniosamente quando numa manhã fria de junho fui convidada a acompanhar a diretora. Atrás da porta aberta por ela, o que deveria ser um banheiro de cadeirantes encontrava-se empilhados até o teto e de qualquer jeito,

caixas, livros e pastas daquilo que mais tarde veio a constituir o arquivo físico do colégio: seus documentos.

Um baú de surpresas, abandonado a própria sorte, onde ratos, traças e cupins faziam a festa naquele lugar úmido e repleto de papéis que já tiveram as mais diversas funções. Eis, como o que começou como um simples projeto se transformara agora em uma responsabilidade sobre nossos ombros.

**Figura 01**

Local de armazenamento dos documentos.



Foto: Acervo particular da autora.

De imediato precisávamos de outro espaço para abrigar os documentos, além de mão de obra para higienizá-los e catalogá-lo. O lugar foi arranjado, o material adquirido, a batalha pela restauração e preservação havia começado. Marcamos uma data e iniciamos nossa missão.

No primeiro momento retiramos os documentos que se encontravam soltos uns sobre os outros e os transportamos para outra sala, onde o processo de higienização teve início (figura 02),

visto que era urgente que estes recebessem os primeiros cuidados.

Como salientou Yamashita e Paletta:

A conservação e a preservação garantem o imprescindível acesso à informação tanto em arquivos quanto em outras unidades de informação. O estado em que se encontram os acervos documentais e bibliográficos de instituições públicas e privadas é o que nos leva a enfatizar a importância de se adotar uma política de preservação, que é a melhor garantia contra a deterioração das coleções, sendo, a

higienização a primeira ação efetiva para estender a vida útil desses documentos (YAMASHITA; PALETTA, 2006, p. 173).

Entendemos por preservação, o conjunto de “medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que constituem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais” (CASSERES, 2000, p.12). E como conservação, o conjunto de “ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle

ambiental e de tratamento específico (higienização, reparos e acondicionamento)” (CASSERES, 2000, p. 12).

Assim, iniciamos a higienização dos documentos por aqueles que estavam soltos, sem qualquer suporte ou proteção. Como passo inicial, limpamos os documentos com um pincel macio, retirando deles detritos de insetos, poeira e migalhas de papel. Para as larvas de brocas que se encontravam no interior de alguns tivemos que fazer uso de uma pinça (figura 03).

**Figura 02**

Livro ata deteriorado por brocas, datado de 1967.



Foto: acervo particular da autora.

As larvas de brocas, segundo Norma Casseres “digere os materiais para chegar à fase adulta. Na fase adulta, acasalam e põem ovos. Os ovos eclodem e o ciclo se repete” (CASSERES, 2000, p. 20). A fase em que as brocas

(anóbídeos) atacam os documentos é o da larva, pois esta se alimenta de todo material a base de celulose, por isso a urgência na eliminação das mesmas do nosso material.

**Figura 03**

Larva encontrada em livro ata.



Foto: acervo particular da autora.

Ainda, segundo a autora, para que as brocas encontrem um ambiente propício para sua instalação é preciso que o local tenha temperatura e umidade elevadas, falta de ar circulante e higiene das dependências onde os documentos se encontram (CASSERES, 2000, p. 20), o que era o caso de nossa documentação e o que acarretou o surgimento de tal praga.

Para Norma Cianflore Cassares, a característica:

[...] do ataque é o pó que se encontra na estante em contato com o documento. Este pó contém saliva, excrementos, ovos e resíduos de cola, papel etc. Em geral as brocas vão em busca do adesivo de amido, instalando-se nos papelões das capas, no miolo e no suporte do miolo dos livros. As perdas são em forma de orifícios bem redondinhos (CASSERES, 2000, p. 20).

Essa característica pode ser percebida na figura 02, onde o documento se apresenta todo perfurado pelas larvas de brocas, as quais foram eliminadas no processo de higienização da documentação (figura 03). Os documentos que não tinham essa

característica, procedemos à limpeza do pó e outros detritos que neles se encontravam.

De acordo com Beck, citado por Yamashita e Paletta:

[...] a limpeza é o método mais simples de remoção do pó e demais sujidades a seco. Remove-se o pó das lombadas e partes externas de livros com aspiradores, e para a limpeza das folhas utilizam-se trinchas, escovas macias e flanelas de algodão, de acordo com a resistência do material. Corpos estranhos mais resistentes podem ser removidos com um pequeno bisturi sem corte. A limpeza é um dos fatores prioritários de preservação (BECK apud YAMASHITA; PALETTA, 2006, p. 172).

Já para Norma Cianflore Cassares:

O processo de limpeza de acervos de bibliotecas e arquivos se restringe à limpeza de superfície e, portanto, é mecânica, feita a seco. A técnica é aplicada com o objetivo de reduzir poeira, partículas sólidas, incrustações, resíduos de excrementos de insetos ou outros

depósitos de superfície (CASSERES, 2000, p. 27).

Assim, foram retiradas as sujidades dos livros atas e de pastas com materiais informativos, como notícias sobre eventos do colégio e outros referentes aos seus alunos (figura 04), convites para solenidades e planos de ensino, além de relatórios de conclusão de curso.

O processo de limpeza dos documentos ainda e encontra no início, visto que é uma tarefa morosa que requer paciência e dedicação. Os documentos estão sendo higienizados um a um, folha por folha e de acordo com a disponibilidade de tempo do grupo engajado.

Além da higienização descrita, clipes e outros materiais danosos, como prendedores e grampos metálicos também estão sendo removidos para melhor preservação do material que virá a se tornar o arquivo catalogado do colégio, com um espaço físico adequado e com posterior passagem para um ambiente virtual.

Além da higienização preliminar dos documentos citados, livros de relatório foram limpos e receberam oxigenação, sendo folheadas várias vezes, permitindo assim, sua aeração após décadas sem manuseio. Os documentos foram acomodados em pastas plásticas após sua limpeza, recebendo etiqueta com identificação para posterior catalogação.

Figura 04

Recorte de jornal abordando aluno do colégio eleito prefeito mirim em 1985.



Foto: acervo pessoal da autora.

O acondicionamento<sup>4</sup>, segundo Cassares,

tem como objetivo “a proteção dos documentos que não se encontram em boas condições ou a proteção daqueles já tratados e recuperados, armazenando-os de forma segura (CASSERES, 2000, p. 35)”. Assim, cumprimos as primeiras etapas do processo de higienização dos documentos, os quais estão sendo transportados para um espaço adequado sem exposição às intempéries a que estavam submetidos anteriormente.

### Considerações finais

Como apontou Yamashita & Paletta, “o Patrimônio Cultural brasileiro enfrenta dificuldades de conservação face à escassez de recursos destinados a tais empreendimentos” (YAMASHITA; PALETTA, 2006, 182), dessa forma, torna-se necessário “elucidar conceitos e aprimorar a educação de nosso povo sobre a importância do Patrimônio Histórico e Artístico, mostrando à coletividade os valores históricos, artísticos, científicos e afetivos de nosso patrimônio” (YAMASHITA; PALETTA, 2006, 182).

Embora com poucos recursos, o trabalho avança com ajuda e boa vontade da equipe gestora, além do engajamento de alunos e professores. O trabalho de higienização ainda está longe de ser concluído, mas os esforços continuam para que esta tarefa seja cumprida e uma posterior iniciada.

O projeto iniciado no primeiro semestre desse ano, não tem data para conclusão, mas cada uma de suas etapas nos ajudam a pensar sobre a valorização de nossas histórias e memórias, enfim do patrimônio que herdamos e as formas como estamos em débito com ele.

Em cada escola existe uma abundância de documentos esperando para ser

acolhido pela sua comunidade, a ser reconhecido como patrimônio e resgatado do esquecimento. Começamos pelo nosso, também na esperança de alimentar outras iniciativas nesse sentido, de inspirar a preservação de mais um pedacinho de nossa história, uma pecinha no imenso mosaico de uma história muito, muito maior.

### Referências

- BELLOTTO, H. L.; CAMARGO, A. M. A. **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação de Arquivistas Brasileiros, 1996.
- BERNARDES, I. P. **Como avaliar documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.
- CASSARES, N. C. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DUPLA, S.A. **Construção do imaginário religioso no culto a Inanna, na Antiga Mesopotâmia: símbolos e metáforas de uma deusa multifacetada (3200-1600 a.C)**. 2016. 187f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.
- FARGE, Arlete. **O sabor do Arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: EDUSP, 2009.
- GONÇALVES, Janice. **Como classificar e ordenar documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.
- LEMOS, C. A. C. **O que é patrimônio histórico**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MACHADO, H.C.; CAMARGO, A. M. de A. **Como implantar arquivos públicos municipais**. 2ª edição. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000.
- YAMASHITA, M.M.; PALETTA, F.A. **Preservação do Patrimônio documental e bibliográfico com ênfase na higienização de livros e documentos textuais**. Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.172-184, ago./dez. 2006.

<sup>4</sup> Embalagem destinada a proteger os documentos e facilitar seu manuseio.

Recebido em 2017-10-23

Publicado em 2018-02-05